



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ARI LAZZAROTTI FILHO

(depoimento)

2012

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-278

Entrevistado: Ari Lazzarotti Filho

Nascimento: 26/09/1970

Local da entrevista: Faculdade de Educação Física, Universidade Federal de Goiás, Goiânia – GO.

Entrevistadora: Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 17/07/2012

Transcrição: Carina Kaiser Miranda da Silva

Copidesque e Pesquisa: Ivone Job e Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 01:08:29

Páginas Digitadas: 26

Observações:

O entrevistado realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da tese de Ivone Job intitulada *Gestão das revistas brasileiras da área da Educação Física e Ciências do Esporte*, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em setembro de 2013.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Envolvimento do entrevistado como editor da revista de Educação Física e esporte, Pensar a Prática Sua trajetória na revista; Procedimentos para o desenvolvimento das tarefas da equipe editorial; Implantação do sistema informatizado de revistas na Universidade Federal de Goiás; Opiniões e críticas sobre o sistema de avaliação das revistas; Planejamento e políticas de revistas brasileiras da área.

Porto Alegre, 17 de julho de 2012. Entrevista com Ari Lazzarotti Filho a cargo da pesquisadora Christiane Macedo para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Professor, como chegou a função de editor da revista *Pensar a Prática*, como foi escolhido e quando?

A.F – No ano de 2003 fui convidado pelo professor Fernando Mascarenhas para integrar a equipe de editoria da revista *Pensar a Prática*. A revista sempre trabalhou com dois editores, e na época a segunda editora que era a editora chefe, a professora Anigleyce Teodoro Rodrigues, assumiu o cargo de vice-diretora da faculdade e aí o professor Fernando assumiu a chefia da editoria e me convidou para ser editor adjunto, o segundo editor da revista. Isso foi em 2003, seis meses depois ele pediu exoneração e saiu da editoria. A partir daí eu assumi a editoria e fiquei até dezembro de 2011.

C.M – E quantas horas por dia ou por semana exigia o trabalho de editor?

A.F – Teve várias fases: no começo, o nosso trabalho era manual e exigia uma manhã inteira, quatro horas por semana. Dedicávamo-nos exclusivamente a esse trabalho com a revista. No decorrer do processo, ela se tornou *online* e em alguns momentos exigia muito mais do que isso. Mas eu diria que de todo meu trabalho na universidade, desde que eu assumi a editoria era onde eu mais trabalhava. Então no começo para decidir coisas mais editoriais, que eram quatro horas por semana, para trabalhar com a gestão na época que era impressa, trabalhar com impressão e tudo mais, eu acredito que daria umas dez horas de trabalho semanal.

C.M – E quais os motivos das escolhas do título dos temas dos números das revistas?

A.F – No começo ela era temática. Quando eu assumi tinha um tema e depois ela passou a ser livre, não tinha um tema específico. Geralmente a escolha do tema se dava por uma avaliação de todo o contexto das revistas da Educação Física. Nós avaliávamos os projetos editoriais de todas as revistas, o que estaria em evidencia ou não repetia a demanda de um tema, ou senão por indução, era também outra lógica da indução de um tema que a gente

achava que deveria ser provocado. Por exemplo, um tema que nós induzimos foi Educação Física e Tecnologia de Comunicação e Informação, tinha pouca produção e a gente achava importante induzir esse tema na revista. E depois ela deixou de ser temática e foi livre, não tivemos mais esse problema em escolher tema para a revista. Quanto à escolha do nome da revista eu não tenho uma precisão e não participei, mas minha hipótese é que ela está dentro de um momento em que a Educação Física buscava na Educação muito das suas referências e Pensar a Prática me parece que tem essa intencionalidade, pensar a prática pedagógica. No entanto já fizemos o debate dentro da editoria que o nome é genérico demais e não representa temas e objetos do campo da Educação Física. No entanto hoje está consolidada com esse nome.

C.M – Quando é que parou de ser temática?

A.L – Foi em 2007 quando paramos de publicar a revista temática e passamos para demanda livre. A revista temática traz muitos problemas, o principal é que recebíamos muitos artigos de um mesmo tema e a revista impressa tinha um limite de artigos. A gente não conseguia publicar porque nós tínhamos um número de doze a quinze artigos por revista e muitos artigos bons não eram publicados. A gente tinha que avisar o autor que não foi aprovado aquele artigo. E às vezes a gente nem podia usar em uma próxima revista que tinha um tema completamente diferente. Já em alguns volumes faltavam artigos para fechar a revista.

C.M – E a linha editorial da revista, ela segue alguma área mais da Educação Física ou são todas as áreas e como é definido isso?

A.F – No começo a revista Pensar a Prática tinha a conotação mais direcionada para a Educação Física escolar. Os primeiros números eram bem marcados com a Educação Física escolar e também era caseira, muita coisa de casa e por convites. Com o passar do tempo nós fomos ampliando o foco da revista, passamos à publicação para temas, como o lazer, a saúde e a Educação Física escolar que eram três temas que passam em todos os cursos de Educação Física. O foco do escopo é amplo e abarca toda a Educação Física.

C.M – Como era a divisão das tarefas e o trâmite para o artigo chegar até ser publicado, antes de ser online?

A.F – Nós tínhamos uma gestão de tarefas, que previa todo o processo editorial, desde a divulgação dos próximos temas, do recebimento, a avaliação, a aprovação, da entrada na gráfica e da publicação da revista. Nós tínhamos um cronograma bem rígido, nossa revista era semestral e praticamente nós tínhamos essas atividades durante os seis meses fazendo esse trabalho. Era uma gestão da revista e se seguia o cronograma.

C.M – Antes de ser online, mais ou menos quanto tempo demorava um artigo desde a submissão até ser publicado?

A.F – Como nós trabalhávamos com a ideia de seis meses, o cronograma previa a publicação do próximo tema, tinha um período de divulgação e depois o recebimento do material. Nós tínhamos que fechar a revista em seis meses e a gente fechava. Eu não tenho exatamente uma data, mas eu acredito que era um ano em média para ele chegar, tinha atraso das publicações, então um ano, um ano e dois meses a gente publicava o artigo.

C.M – E como que a Pensar a Prática entrou no sistema *online*?

A.F – A nossa primeira discussão na editoria foi que nós precisávamos ter uma revista também *online*. Mas a ideia de revista *online* na época era publicar na *internet*, não era ter um *site* da revista e lá publicar os artigos. E nós começamos a trabalhar com essa ideia do *site* da revista, só que a gente percebeu que uma revista online não é um site de revista, ela tinha outra lógica. Foi quando nós tivemos os primeiros contatos com sistema de gestão editorial, ver o que é isso, como é que poderia ser para gerenciar todo o nosso trabalho, para planificar todo um trabalho de gestão da revista. Era tudo manual. Então era muito difícil fazer essa gestão porque era tudo por e-mail. Alguns avaliadores só davam parecer por cartas, os artigos eram enviados por correio no formato papel, dava problemas com o correio, etc. A partir daí nós começamos a pensar num projeto de editoria *online* para a revista. Foi quando nós tivemos uma palestra aqui na universidade. Foi nosso primeiro

contato com uma pessoa do IBICT¹, o Miguel Arellano², que veio apresentar o Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER) que o IBICT tinha feito tradução e na época havia umas trinta revistas utilizando o sistema. Como era um projeto da Universidade, a UFG também estava atrás disso e aí nós começamos.

C.M – E vocês tiveram que fazer cursos ou outros contatos, como vocês conseguiram se apropriar deste sistema?

A.F – A primeira coisa, a Universidade conseguiu através de uma revista que era mais conceituada na época, um financiamento para comprar um servidor para instalar as revistas online. Era um projeto na Universidade como um todo. Começamos a estudar o que nós íamos fazer nesse servidor, se era abrir site para cada revista e tudo mais. Teve essa primeira palestra e logo em seguida a revista teve um curso de formação de editoria organizado pelo Ministério do Esporte. Foi um evento que teve em Brasília em 2005, eu e mais uma estagiária da Pensar na Prática fizemos um curso do SEER no IBICT. Só que eles trabalhavam com sistema que na época só gerenciava uma revista que era o SEER 1.0. Nós instalamos e conseguimos fazer uma tradução do SEER 2.0 que o IBICT tinha acabado de traduzir e podíamos gerenciar todas as revistas da UFG. Foi o nosso primeiro curso. Na UFG tinha outra revista da Nutrição que já estava a tempo fazendo os primeiros testes no SEER 1.0.

C.M – E depois da plataforma eletrônica quais mudanças vocês perceberam, de facilidades e dificuldades?

A.F – A primeira coisa só para concluir a implantação, nesse curso com o servidor aqui na UFG, nós tínhamos o servidor que só tinha o sistema SEER1.0. Começamos a estudar e identificamos que existia o 2.0, isto é, um sistema que poderia gerenciar todas as revistas da UFG, em uma única instalação sem ter que ser doze instalações o que ficaria muito complicado. A partir deste curso organizado pelo Ministério do Esporte eu fui convidado

¹ Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia.

² Miguel Ángel Márdero Arellano. Tecnologista do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict).

para coordenar toda a implantação do Portal de Periódicos da UFG³. E nesse projeto instalamos o sistema 2.0 para o primeiro portal revistas de universidades, foi o portal aqui da UFG, usando o SEER 2.0. E aí a revista Pensar a Prática foi o piloto dessa plataforma. E ainda em 2005, nós lançamos a revista online na SBPC⁴ em Florianópolis. Então foi a primeira revista da Educação Física que entrou no 2.0 como teste na UFG e logo em seguida sobre a minha coordenação colocamos todas dezessete revistas da UFG no portal de periódicos da UFG. Sobre a pergunta, a gestão mudou completamente, mas o início foi muito difícil, porque nós queríamos entrar e fazer todo o processo dentro do sistema, submissão de artigo, processo de avaliação, processo de editoração, de diagramação até a prova final e a publicação online. Só que a equipe era muito grande, e para formar toda essa equipe ficou muito difícil. O que facilitou foi a gestão, mas o que dificultou foi que tinha que mudar toda uma cultura de trabalho com a editoria e isso nós fomos percebendo que demoraria um tempo maior.

C.M – Facilidade, o que mudou?

A.F – A facilidade principal é você ter um sistema onde concentra tudo, todo o processo ali dentro. Primeiro lugar, o contato com os autores que sempre foi uma prioridade da Pensar a Prática, valorizar o autor. E nós tínhamos uma dinâmica que já era anterior ao sistema que era informar ao autor de todo o processo do andamento do trabalho dele. Nós recebíamos um artigo ainda impresso, a primeira coisa que nós informávamos todos os autores: “Recebemos o seu artigo e estamos em processo de avaliação, seu artigo foi aprovado, seu artigo foi reprovado...” Nós tínhamos já uma dinâmica de valorização da comunicação, porque nós queríamos era justamente valorizar o autor que para nós era o principal dentro da editoria científica. Com o sistema *online* e com os e-mails customizados e tudo isso, facilitou muito porque nós conseguimos dar continuidade a aquela dinâmica que a gente tinha até então, mas com muita facilidade, porque o próprio autor se cadastra no sistema e dificilmente nós teríamos problema de colocar um e-mail errado ou não conseguir entrar em contato com ele. Essa foi a grande facilidade. A dificuldade foi formar a equipe editorial para trabalhar no sistema e também mudar a cultura dos próprios autores, dos avaliadores que nós queríamos trabalhar dentro do

³ Universidade Federal de Goiás.

⁴ Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

sistema. Eu acredito que nós somos a primeira revista a trabalhar com todo o sistema de submissão à avaliação e toda comunicação por dentro do sistema. Depois que nós implantamos o sistema nós fomos criticados em alguns momentos porque a gente tencionou isso. Nós colocávamos uma pessoa disponível para auxiliar o autor, o avaliador, mas a gente tentava fazer tudo dentro do sistema. A dificuldade maior foi a mudança dessa cultura que hoje está muito tranquilo, mas na época tinham autores ou avaliadores que pediam para a gente mandar pelo correio, pelo e-mail porque eles não queriam entrar no sistema, mas isso com o tempo modificou.

C.M – E a implantação da plataforma foi tranquila?

A.F – Muitos problemas técnicos nós tivemos, por exemplo, tinham *bugs* que, como nós fomos pioneiros na 2.0, toda a formação que era dada para o IBICT eles davam a formação para trabalhar na plataforma 1.0 que já estava consolidada. A 2.0 não estava consolidada, então problemas de sistema atingia dezessete revistas ao mesmo tempo e que complicava a vida de todo mundo. Esses que foram os principais problemas técnicos que nós tivemos. Sempre os e-mails caíam na caixa de *spam* dos autores, os autores não reconheciam, então a gente tinha que ficar monitorando a todo momento para ver se tinham recebido ou não o material. E também nós criamos uma dinâmica de registro de todo o processo de trabalho, nós nos integramos diretamente com a PKP⁵ que é o desenvolvedor do *software*, começamos a participar das listas, dos fóruns e começamos a publicar lá dentro também nossos problemas técnicos e os desenvolvedores já nos apresentavam soluções, porque era diretamente, sem intermediação do próprio IBICT, a gente estava direto com a PKP o que facilitou o nosso desenvolvimento. E nós tínhamos problemas que eram internos da UFG. A rede caía, a revista tinha que estar online e às vezes ela ficava três, quatro dias fora do ar, então esses foram os problemas técnicos de estrutura da própria UFG.

C.M – E qual era o papel do IBICT, foi só de divulgação no início, ele acompanhou o processo, esses problemas técnicos, essa mudança de cultura teve alguma colaboração do IBICT?

⁵ Public Knowledge Project, projeto que criou o sistema de editoração de revistas em plataforma de livre acesso.

A.F – O IBICT era sempre o nosso parceiro em tudo, nós tínhamos muito apoio principalmente do Miguel que foi quem deu toda a acessória, nos contatava e nos colocava a par dos desenvolvedores, nos colocava a par dos problemas técnicos que poderia nos ajudar. E os cursos que o IBICT sempre dava, de atualização, de formação, eles vieram aqui e deram o primeiro curso da plataforma 2.0, aqui em Goiânia para todos os editores da UFG e isso nós fizemos três anos consecutivos aqui dentro da UFG dando os cursos. No começo mediado pelo IBICT, mas logo em seguida nós mesmos assumimos e tocamos com as próprias pernas, até porque tinha um problema técnico mas tinha um professor, mas tinha um problema editorial, e o problema editorial o IBICT não nos ajudava muito, eles ajudavam com problemas técnicos. Mas o cotidiano da revista, o como encaminhar era o editor mesmo que tinha esse conhecimento e com o tempo percebemos que já poderíamos andar com as próprias pernas nessa questão mais da editoria. A gente precisava dar formação para os editores sobre dinâmica, sobre procedimentos, construir rotinas de trabalho dentro do sistema, explorar ao máximo o próprio sistema que muitas coisas a gente não explorava. A gente tinha que estudar sempre um *plugin*, estudar qual a possibilidade, qual é a importância dele e depois apresentar para todos os editores poderem usar aquele *plugin*. Então era isso que era bem do cotidiano da editoria e dos editores, o que era bom para uma revista às vezes não servia para outra, e por isso criamos uma comunidade interna que trocava muitas informações e publicava: “Olha isso é importante, indexadores assim, oh faça isso...” E todos os editores quando tinham novidades publicavam.

C.M – A revista tem DOI ⁶?

A.F – Tem.

C.M – É da revista ou é da instituição?

A.F – É da instituição. A UFG fez uma parceria com a CROSSREF responsável pelo DOI, Não lembro... Isso foi em 2008 ela fez uma parceria e adquiriu DOI para todas as revistas da UFG e a partir de então vem sendo implantada em todas as revistas.

C.M – E como a revista mantinha na época até 2011 a periodicidade? Tinha o número limitado de número artigos por fascículos, se faltava ou sobrava como era administrada ou muitos artigos para poucos números ou poucos enviados para fechar a revista?

A.F – No começo nós não tínhamos artigos, então nós tínhamos que correr atrás de artigos através de convites para autores. A partir de 2005, os autores vinham atrás da revista, no começo nós íamos atrás dos autores. A partir de 2003, 2004 os autores vieram atrás da revista, e ficou mais fácil lidar com essa situação, porque nós tínhamos sempre mais artigos e nós podíamos avaliar com mais qualidade, nem precisávamos fazer convite porque quando se faz convite às vezes engessa a revista. No início a gente fazia um convite e tinha que publicar o artigo da pessoa. E depois os autores vieram com os artigos atrás da revista e não foi mais um problema para nós.

C.M – Do número de artigos para publicação...

A.L – Então, depois que ela começou a receber os artigos, nós entramos no Qualis, e começamos a melhorar nosso Qualis, cada vez recebíamos mais artigos. E com isso fomos aumentando a quantidade de artigos publicados por revista e por ano. O primeiro movimento foi deixar de ser publicado impressa, e a gente começou ampliar a possibilidade de publicação, mas mesmo assim ficava com uma certa restrição de quantidade de artigos porque nós tínhamos um orçamento por volume. Diagramação e editoração eram calculadas por artigo, então não podíamos publicar muitos artigos. Mas depois que deixamos de ser impressa nós tivemos mais flexibilidade. De semestral passamos a quadrimestral, aumentamos a quantidade de artigos agora passou a ser trimestral. Até recentemente a estatísticas de 2011, nós estávamos reprovando em torno de 60% de artigos. O que nós recebíamos e o que nós publicávamos era em torno disso, então tinha 60% de rejeição nos artigos e não aprovação de artigos. Mas, de uns três a quatro anos para cá nós temos sempre artigos sobrando, isto é, nós temos sempre mais artigos aprovados do que a possibilidade de publicar. A gente sempre deixa um pouco de reserva para um próximo volume a ser publicado e a partir deste ano, há uma demanda grande até porque nós subimos na avaliação Qualis e pensamos em publicar sessenta artigos, e a cada subida, há um aumento de demanda.

⁶ Digital Object Identifier, número internacional codificado para identificação de artigos.

C.M – E como é eleito o comitê editorial e os pareceristas?

A.F – Não tem muito critério claro, definido e escrito. Geralmente vem em primeiro lugar, o comitê editorial, e na maioria no início das revistas, as pessoas com renome emprestam seu nome para dar autoridade à revista. Mas, na prática o conselho editorial não funciona em nada, geralmente não funciona, eles emprestam o nome para estar lá em uma lista, não na construção da revista. Com o tempo, cada editor que entra, geralmente coloca dois, três novos membros no conselho editorial, pessoas que ele confia, pessoas que ele acha que podem contribuir com a revista. Um critério talvez é ter pessoas que abarcam todos os temas da revista. Por exemplo, quando nós deixamos de publicar artigos somente da área sócio-pedagógica nós tínhamos que incorporar no conselho editorial pesquisadores renomados que publicavam ou que pesquisavam, digamos áreas mais do campo biológico, da fisiologia, da biomecânica e tal e então integramos pessoas desse grupo. Também outro critério é a internacionalização. Tem alguns critérios que eu falo que são mais amplos, como é a internacionalização, pessoas de outros países, diversidade nos temas, tem sido isso. Ultimamente nós temos tentado fazer uma discussão que o conselho editorial tem que ser mais efetivo, ele realmente tem que cumprir o papel de conselheiro editorial, isto é, qualquer mudança na editoria, no projeto editorial da revista, tem que passar por essa equipe. E aí começamos a demandar o conselho editorial: “Olha nós estamos com esse projeto, queremos mudar isso, o que vocês acham?” E o retorno é muito pequeno, justamente falando isso que o conselho editorial não é aquele que realmente cumpre a função e cada vez mais, pelo que estou percebendo, nós estamos tentando construir essa rotina do conselho editorial para realmente exercer esse papel. Por isso eu deixei de ser editor da revista e entrei no conselho editorial e uma das tarefas que foi me dada era para ajudar nessa consolidação da revista fortalecendo e criando estratégias para integrar o conselho editorial e até reformulá-lo.

C.M – E de autoria, tem algum controle ou auto-avaliação na revista dos autores? Os autores fazem algum retorno da revista?

A.F – Temos, nós não temos um controle especificamente sobre isso, um controle dos autores. Nós temos recebido e-mails esporádicos, falando algumas coisas, algumas críticas, dando algumas sugestões, mas é pouca coisa.

C.M – Quem lê esses...?

A.F – Geralmente era o editor, o editor divulgava para a comissão editorial.

C.M – Como é financiada a revista?

A.F – O principal financiamento da revista é um projeto da própria UFG que foi implantado em 2000, que se chama PROAPUPEC⁷, que é um programa de apoio à editoria científica da revista, que financia até setenta e cinco por cento dos gastos editoriais da revista. Tem uma quantidade de recursos que eu não me recordo qual é o valor, todo ano desde 1999, 2000 todas as revistas tem isso. E é pago de trinta a setenta por cento, de acordo com a avaliação da revista. A nossa revista está sempre como prioridade um, porque ela é uma das mais conceituadas dentro da UFG. Nós sempre temos esse recurso que garante talvez sessenta por cento dos nossos gastos. Depois disso temos o financiamento do Ministério do Esporte. Já ganhamos acho que três financiamentos do Ministério do Esporte. Então tem sido essas as duas fontes de recurso da revista. No começo a gente vendia algumas revistas que era uma outra fonte de financiamento mas não temos mais.

C.M – O projeto gráfico era feito pelo pessoal da equipe mesmo ou era contratado empresa?

A.F – Mudou muito neste processo. No começo quando ela era impressa o projeto gráfico era da própria gráfica da UFG, a equipe era da gráfica da UFG que fazia o projeto, todo o projeto gráfico era de lá. Depois passou para uma empresa terceirizada, não deu certo, agora está no pregão e também está complicado, então mudou muito ao longo desse tempo. Ultimamente, nós acabamos formando uma pessoa interna da revista que faz o projeto dentro do SEER. Como compramos e pagamos o projeto gráfico, fizemos a editoração por

dentro da equipe, mas também nós estamos encontrando problemas com esse modelo, porque não é uma pessoa profissionalmente formada para isso, nós a formamos, mas tem muitos detalhes que passam despercebidos ali dentro.

C.M – E a revista aceita anúncio, publicidade?

A.F – Nada de publicidade.

C.M – Isso é uma opção de não envolver publicidade na revista, tem algum motivo ou nunca pensaram nisso?

A.F – Eu acho que a divulgação científica culturalmente na nossa área não tem muito esse vínculo publicitário. Quem mantém mesmo as revistas acaba sendo os órgãos públicos mesmo, o interesse maior. Até porque às vezes é difícil ver o interesse de uma publicidade ali dentro de uma revista. Nunca recebemos nenhuma proposta e nunca também fomos atrás de querer vender espaço publicitário na revista.

C.M – Vocês já pensaram em cobrar aos autores?

A.F – Ultimamente se cogita, porque é muito difícil, nós não temos recursos para manter. Nós temos a intenção de ampliar a quantidade de artigos para publicação, mas aumenta o preço, porque você paga a revisão, a tradução, a editoração. E isso tudo é por artigo, não é por revista, então se você aumenta a quantidade de artigos você aumenta o custo para isso. Tem alguns modelos que cobram para submeter, outros para publicar, outros, que é um modelo recentemente, que está sendo avaliado cobrar para traduzir. Então você quer publicar em língua inglesa, aí a pessoa fala: “Eu quero”. Então custa tanto, e quem tem que pagar é você. Mas para publicar em língua inglesa é o tradutor indicado pela revista, profissional que domina a língua e o próprio campo. Tem vários modelos hoje, digamos assim de gestão e de negócios para revistas que devem ser pensados porque não tem financiamento para garantir a revista. Alguém tem que pagar, a única coisa que nós temos clareza é que a revista tem que ser de acesso livre, isto é, o leitor lá na ponta não deve pagar, agora quem vai pagar este meio, penso que não é o autor em si que tem que pagar, o

⁷ Programa de apoio as publicações periódicas científicas da UFG

autor do texto. Mas que são os órgãos de fomento a pesquisa e os próprios pesquisadores que já começam a colocar nos editais, já tem rubrica para isso, valores para a publicação. Então hoje, as revistas internacionais todas cobram. No Brasil ainda não temos essa cultura, na Educação Física eu conheço uma revista só que cobra para publicar.

C.M – A revista nesse período chegou a colocar aviso de períodos que não estava se aceitado submissão?

A.F – Não, nós mantivemos aberto o tempo todo. Nós estamos com algumas restrições de tipos de artigos. Tenho visto que para ser uma revista científica tem que ter cinquenta por cento de artigos mais um de resultados de pesquisas e nós recebemos muitos trabalhos de revisões de literatura, que são trabalhos mais teóricos, que não são resultado de pesquisa e isso acaba inchando a revista. E esses artigos eles demoram mais para serem publicados porque a gente tem que controlar essa quantidade, mas nunca ficou fechado.

C.M – Há revisões de textos, de referências, de formatação?

A.F – Sim, há uma equipe responsável pela revisão. Revisor de normalização, de português, inglês e espanhol. O texto chega na revista e é feito um *check list* das normas em geral para não ir para frente com problemas graves. Por exemplo, de formatação, coisas mais básicas de caracteres e tudo mais. Passando essa, nós temos um revisor de português, e um revisor de inglês e de espanhol. Depois temos uma diagramadora e o projeto gráfico que era uma única e outra a mesma profissional que faz a revisão de português faz de normalização final.

C.M. – Fazia normalização de ABNT⁸ essas coisas?

A.F – Ela trabalhava com normalização que era lá na outra ponta. A primeira normalização era mais de forma de critérios de entrada, o número de caracteres, resumo, se estava um título, resumo, palavras-chave, se era tirada a identificação de autoria, essas coisas mais gerais e a outra era mais ABNT .

C. M –É exigido um grau mínimo de formação para publicar na revista os autores?

A.F – Não nunca foi uma exigência, no entanto no começo da revista nós percebemos que a nossa revista só recebia artigos de pessoas não vinculadas à pós-graduação. Então por exemplo, em 2005 nós não estávamos no Qualis, acho que nós entramos em 2006. E por que nós não estávamos no Qualis? Porque nenhum professor vinculado a programas de pós-graduação publicava na nossa revista. A partir de então começamos a perceber que tínhamos que dialogar com as pós-graduações, com os professores vinculados a pós-graduação. A revista publicava muito trabalho de conclusão de curso de alunos. Então não estávamos publicando resultados de pesquisa ou elaborações a não ser os convites feitos pela revista. Começamos a fazer uma divulgação maior e tentamos entrar mais no vínculo na pós-graduação e tentando pensar mais textos e artigos que tivessem uma elaboração maior. Claro que um trabalho de um doutor tem uma maior consistência do que o trabalho de conclusão de curso de graduação que tinha bastante na revista, mas nunca foi uma norma isso.

C.M – E esses autores, eles costumavam obedecer às instruções para o autor ou vocês recebiam muitos artigos fora?

A.F – Muitos artigos fora, mas nós tínhamos uma clareza no trabalho com a revista de que também deveríamos formar. Tínhamos um papel de formação dos novos pesquisadores e sempre tínhamos o cuidado de dar pareceres que eram construtivos e informativos para os autores. Dava muito trabalho, mas sempre foi um respeito muito grande para o autor e uma preocupação muito grande em formar novos pesquisadores. Porque a revista é também um instrumento de formação e era uma revista nova e nos queríamos formar também e valorizar essas pessoas e os pareceres eram pensados nessa perspectiva.

C.M – E vocês tinham bibliotecários na equipe?

A.F – Não, sempre foi um reivindicação mas nunca tivemos.

C.M – Como era feita a divulgação da revista e quem fazia?

⁸ Associação Brasileira de Normas Técnicas.

A.F – A principal divulgação era a lista de e-mails. Nós construímos banner, íamos para o congresso levávamos a revista, fizemos material publicitário como canetas, panfletos, marca-textos, lista de e-mails. Enviamos no começo as revistas impressas para todos os cursos de pós-graduação, para cada curso.

C.M – E o processo de indexação, como vocês escolhiam em quais vocês tentariam ser indexados ou como eram sugeridas as bases de indexação?

A.F – Nós sempre seguimos muito a lógica do campo, o que era valorizado no campo da Educação Física. Tinha uma época que era valorizado o Sport Discus⁹. Era o indexador principal da Educação Física, depois o Lilacs¹⁰. A nossa avaliação de quais eram os indexadores principais eram os que eram valorizados pelo campo da Educação Física, e a partir daí começávamos a perseguir essas indexações.

C.M – Vocês já tiveram alguma indexação que foi negada?

A.F – Por enquanto não, nós estamos tentando agora a indexação no Scielo¹¹, mas não tivemos nenhuma negada. Tudo que nós solicitamos nós conseguimos. Mas também fomos a partir do que achávamos que tínhamos condições, a revista tinha condições de ir para o Lilacs? Nós fomos para o Lilacs, mas não tivemos nenhuma negação.

C.M – Vocês tiveram alguma forma de aumentar o índice de citação da revista?

A.F - Indutivamente não, não fizemos nenhum processo de aumento da citação. Até porque a revista ainda não entrou nos grandes indexadores, porque daí se precisaria ter, entraria em uma forma maior. O que nós começamos a fazer era avaliar se os artigos dialogavam com a própria revista. Isso sim, um artigo que é publicado na nossa revista ele não pode desconhecer o que já foi publicado sobre esse tema pela própria revista. Nesse aspecto a gente tentava colocar como critério de avaliação. Algum artigo já foi publicado nessa revista que não foi observado. Mas nunca foi um critério muito explícito, muito

⁹ Base de dados agregadora de títulos de revistas em educação física e esportes.

¹⁰ Literatura Latino-Americano e do Caribe em Ciências da Saúde.

perseguido, até porque a revista é pequena, não tem tanta expressão não é uma das principais revistas da Educação Física, hoje não está nos principais indexadores.

C.M – Qual é a sua opinião sobre a avaliação do Qualis e dos indexadores?

A.F – Nós temos, especificamente na educação física, alguns problemas eu acho. Por exemplo, hoje nós não temos nenhuma revista Qualis A1 que seja vinculada à área sócio cultural, pedagógico. Me parece que é esse um dos principais problemas porque ela está pensada para o campo da saúde, os critérios são os critérios da Ciência Biológica como preponderante. Por mais que eu avalie que do primeiro Qualis até hoje houve um avanço e um reconhecimento nesse processo dos pesquisadores e das revistas que dialogam com as ciências humanas e sociais, os documentos mostram isso. No entanto, ainda assim há uma discrepância muito grande, até porque nós estabelecemos relação com duas áreas muito distintas que são as Biológicas e as Humanas. A forma de produzir, o tempo de maturação da pesquisa, a forma de veiculação do conhecimento de um artigo das humanidades e das biológicas são muito diferentes. Então isso que nós enfrentamos hoje na nossa revista, para os autores que dialogam com as Ciências Humanas e Sociais acham que o espaço dado para os nossos artigos, que é em torno de quinze páginas, não é suficiente para publicarem os seus artigos. Já os das Ciências Biológicas não usam este espaço todo. É muito diferente produzir e veicular e o campo tem que resolver e estar atento a essas diferenças e valorizar e não discriminar uma em prol da outra. Mas os critérios, por exemplo, a última avaliação Qualis eu acho que deu um grande salto. As revistas do campo, principalmente são as que tem que ser valorizadas, começaram a subir no processo de avaliação. Então o campo da Educação Física valorizar as suas revistas deveria ser um processo mais natural.

C.M – E vocês costumavam expor e divulgar as estatísticas de uso de submissão?

A.F – Nós colocamos metas. Nós tínhamos uma meta de avaliação e uma meta de publicação e a gente tentava garantir. Por exemplo, a nossa avaliação era de três meses e de publicação eram seis meses do artigo e a gente manteve isso e colocava índice de rejeição, tempo da publicação, número de artigos publicados no SEER. A gente sempre deixou em aberto esta estatística.

¹¹ Scientific Eletronic Library Online.

C.M – O que você acha do livre acesso às publicações científicas nacionais e essa política do livre acesso?

A.F – Eu acho que essa é uma grande diferença do Brasil, por exemplo, com países da Europa, que é o acesso livre à comunicação científica. Eu acho bom o projeto e para a Educação Física também. Porque todas as revistas da Educação Física brasileiras, hoje tem livre acesso. Isso faz uma diferença e talvez a gente não tenha ainda o resultado imediato do que significa, mas para a pesquisa e para o pesquisador eu acho que isso tem que ser perseguido. O livre acesso ao conhecimento científico tem que ser a meta e nós temos que manter isso, todas as revistas da Educação Física tem livre acesso a tudo que publica imediatamente. E eu acho que isso tem que se manter e tem que se ampliar. Agora uma coisa que está quebrando as editorias é que alguém tem que pagar conta, e quem vai pagar esta conta? Acho que é esse o debate agora. O que nós não podemos fazer é inverter isso e dizer que quem vai pagar a conta é quem tem o acesso à informação. O acesso de ponta tem que ser livre. O meio dele, que alguém tem que pagar, e hoje quem está pagando são algumas universidades, como a nossa com alguns financiamentos, mas nós não estamos mais suportando isso.

C.M – Qual sua opinião sobre a publicação em inglês nos periódicos nacionais?

A.F – Eu acho que tem que ser publicado, tem que ser aceita a publicação. Eu tenho dúvidas é sobre a tradução, você traduzir para o inglês. Acho que nós temos que aceitar um texto em inglês, um texto em espanhol, em português, em francês, nós temos que publicar em várias línguas. Agora não significa dizer que nós temos que traduzir tudo que é publicado do português para o inglês, porque não tem condições de uma revista se manter. A nossa teve experiência com um ano, o problema de um ano de publicação é muito caro e ele foi feito através de um pregão, a tradução é de péssima qualidade, não serve para nada praticamente. Esse processo de tradução com a responsabilidade da revista eu sou contrário, não pode a revista se responsabilizar por traduzir o texto. Talvez nós precisássemos mudar, como eu estava falando anteriormente, alguns modelos de algumas revistas que usam a lógica um pouco diferente. Se quer publicar em inglês, nós temos uma equipe especializada que domina tanto a língua como domina o campo e daí sabe o que é

traduzir um termo específico em outra língua que também é específico e daí ele vai fazer esta tradução. E isso é caríssimo, então não adianta pregar, porque pregar não dá certo.

C.M – Bom, agora sobre a avaliação, alguma forma de reconhecimento do trabalho dos avaliadores, dos pareceristas?

A.F – Quase nenhum, [risos]. O trabalho de reconhecimento é só muito obrigado, é esse o trabalho de reconhecimento e isso tem sido um problema. Eu tenho visto, inclusive a própria área se mobilizando, as revistas se mobilizando para pensar outra forma de reconhecimento. O reconhecimento como um trabalho do professor isso é, que possa ter reconhecimento por fazer parte de um corpo de pareceristas. Esse trabalho não é reconhecido, também tenho conhecimento de algumas revistas que têm pago pareceristas, porque o dinheiro que é cobrado para submissão ele repassa uma parte para o parecerista. Uma forma de reconhecimento de trabalho, que eu não sei se é a melhor saída, é o reconhecimento no trabalho cotidiano da pesquisa do professor e aí acho que poderia ser melhor pensado. É um trabalho a mais do pesquisador, faz parte do trabalho acadêmico, da pesquisa, mas tem que ser mais reconhecido e é onde emperra a maioria dos artigos.

C.M – E a revista utilizava algum formulário, guia, modelo para dar parecer?

A.F – Nós tínhamos os critérios e nós chegamos a construir um guia para facilitar a vida do avaliador, para não deixar muito as cegas, essas questões eram gerais que eram só de assinalar, mas esse formulário não chegou a ser aplicado, porque era usado um plugin do próprio SEER, que nós acabamos não utilizando, então eram mais os critérios de avaliação.

C.M – E há alguma estatística que aponte os avaliadores que são mais assíduos ou os que são mais eficientes, mais rápidos?

A.F – O sistema SEER possibilita visualizar isso. O sistema nosso de editoração, temos editores temáticos que a gente chama. Cada editor temático tem um corpo de pareceristas que ele aciona todo o momento. Ele faz um controle mais individual de quem que ele pode confiar, de quem ele pode contar e tudo mais. E como a gente redistribui hoje os artigos para os cinco editores temáticos, que são mais especializados, então ele tem um corpo de

pareceristas que vai na segurança de alguns e vai testando os outros, e ele vai mantendo esse grupo que ele confia e ele tem estatística própria dele não é da revista mas é do editor temático. Aquele editor temático tem aquele grupo de pareceristas e ele confia nesse, esse ele sabe que entrega, esse ele sabe que não entrega e ele vai testando sempre novos para montar a sua equipe e não ficar na mão.

C.M – E como ele aumenta esse número de pareceristas, como uma pessoa chega a ser parecerista?

A.F – Aí é critério do editor temático, ele é de um tema que domina, ele circula no campo e conhece as pessoas que são especialistas naquele tema e vai montando sua equipe e solicitando. E cada um usa um critério, tem alguns que são mais restritos, outros buscam lá no Lattes, não tem um critério pronto.

C.M – E quais são essas cinco áreas temáticas?

A.F – Tem uma mais vinculada com a área da dança, que aqui tem mais a ver com estética, artes e tal; nós temos um mais relacionado a Educação Física escolar; um relacionado mais com a saúde; outro relacionado mais com a discussão do lazer, do esporte e outro mais relacionado à questão da biodinâmica. Mais ou menos são esses cinco temas que se distribui no grupo.

C.M – Qual o mecanismo utilizado para responder aos autores sobre a avaliação dos artigos? Eles recebem todos os pareceres? O editor faz um parecer só? É só pelo sistema?

A.F – Nós usamos o sistema, sempre o sistema. Só que tem pareceres que não dá para passar para o autor, tem pareceres que são muito complicados, não tem nada e nenhum subsídio que garanta uma rejeição de um artigo porque não tem um parecer na prática. Têm outros bem elaborados, nós temos vários tipos de pareceres. Geralmente cada artigo tem dois pareceres e o próprio editor, a partir dos pareceres, ou ele monta um parecer geral, ou geralmente ele repassa os dois pareceres para os autores.

C.M – Algum parecer já chegou a ser devolvido pelo parecerista no período que você acompanhou a revista? Que o parecer foi tão ruim que pediram para o avaliador fazer de novo?

A.F – Geralmente não [risos]. Geralmente a gente acaba deixando a pessoa...É porque é um trabalho já que se pede um favor e ele já faz um favor de dar um parecer. Nós acreditamos que ele fez o melhor, só que o melhor que ele fez talvez não garantiu o que era necessário, então solicitamos outro parecer e assim fica. Ultimamente eu tenho visto, com os últimos editores, que eles estão tentando trabalhar isso com os avaliadores, às vezes voltar ou conversar mais com os avaliadores sobre alguns pareceres ou um parecer substanciado que dê elementos para tomar uma decisão de aprovação ou rejeição. Mas que eu me lembre nunca devolvemos nenhum parecer.

C.M – Na escolha dos avaliadores, quem escolhe na hora da designação é o editor temático?

A.F – Isso.

C.M – E vocês designam dois pareceristas?

A.F – Sempre dois.

C.M – E é feito um depois o outro?

A.F – Não, na mesma hora.

C.M – Havia necessidade frequente de mais de dois pareceristas?

A.F – Há porque geralmente um falha [risos]. E aí já tem que acionar um segundo, o que atrasa em dobro, mas a dinâmica nossa era de períodos muito curtos, então nós avaliamos que o tempo do brasileiro em se planejar é no máximo quinze dias [risos]. Então não adianta mandar um parecer para daqui um mês que ele vai esquecer. Dentro de duas semanas é melhor. Nós achamos que o “time” do nosso professor e do nosso avaliador é

duas semanas, ele consegue se planejar por duas semanas, por três ele já esquece, por duas ele está dentro do foco.

C.M – O manuscrito passa pela normalização do estagiário e passa por mais algum processo antes de chegar na mão do parecerista?

A.F – Passa daí para o editor temático. Então, o normalizador já sabe que aquele lá é para o tal editor temático, chega no editor temático, que faz um primeiro crivo. E ele vai identificar se está no foco do escopo ou se está no tema dele, ele faz um primeiro crivo ali inclusive ele pode falar que não vai para frente.

C.M - Os pareceres chegavam na mão do editor temático, e o editor temático ele tinha o poder de decidir se aquele artigo não precisava ir para o editor chefe por exemplo?

A.F – Sim...sim.

C.M – E esses editores tinham um número que eles podiam aprovar?

A.F – Não, se o artigo tem condições é aprovado, ele vai para frente.

C.M – E quem decide que número que esse artigo entra?

A.F – Na composição do número, aí é o editor.

C.M – O Editor chefe...

A.F – É, porque daí o editor chefe vai fazer na hora da montagem da revista, ele vai usar vários parâmetros para decidir como montar a revista. Que passa desde a autoria, a endogenia, de local, de região, aí tem vários critérios que são utilizados para montar.

C.M – Então esses critérios, da titulação do autor, da região dele, da instituição eram levados em conta?

A.F – Não sei se a titulação era um critério explícito, mas a endogenia sim, por exemplo, nós temos um autor que teve três artigos aprovados, nós não podíamos publicar os três em um volume e talvez nem os três em um ano. A gente tinha que avaliar em que grau de endogenia ficaria a revista para não ter muito artigo de uma região, muito de um autor ou muito só de um tema, porque depois que ela passou a ser livre, então tem vários temas então ele tem que fazer uma montagem. São vários critérios que são levados em conta, o tamanho também dela, a quantidade. Nós trabalhamos hoje com sessenta artigos por ano, distribuídos na média de quinze artigos por volume, esses quinze artigos que eram o limite de cada revista.

C.M – E esses conflitos de quando um artigo não entrava logo, ou demorava números para entrar, era aprovado mas não era publicado no próximo número. Quem respondia?

A.F – Geralmente é o editor, ele dá a previsão. Só que se foi aprovado é a previsão de ser publicado, “previsão” de ser publicado no próximo número, por exemplo, julho 2012.

C.M – E tinha alguma detecção de plágio, fraude, comportamento antiético? Vocês faziam alguma checagem ou vocês já passaram por algum caso assim?

A.F – Passamos. Nunca foi intencional e sempre aconteceu a identificação. Nós identificamos um plágio da publicação de um artigo já publicado e com pequenas alterações que o próprio avaliador identificou. E ele sugeriu a rejeição porque já estava publicado.

C.M – Do mesmo autor?

A.F – Do mesmo autor. E o segundo, nós identificamos um mesmo artigo publicado em quatro revistas. E quem identificou foi a nossa revista e nós entramos em contato com os outros três editores para ver o que a gente faria. Foi checado e a gente identificou que era o mesmo artigo, mandamos uma carta para os autores pedindo explicação, porque para nós era uma atitude antiética, não deveria acontecer. O autor explicou que não era o mesmo artigo e justificou. Para nós não nos convenceu, porque era o mesmo artigo. Com o argumento de que mandou para outra revista e não sabia que tinha sido aprovado, e daí

mandou para outra e estavam os dois publicados. Isso também não condizia com nenhuma das três revistas, porque as revistas tinham bem claro que o autor não tinha submetido a outra revista, então ele assinalou concordando com isso e nós de comum acordo demos um gancho de dois anos para nenhum desses autores publicar em nenhuma das revistas. E divulgamos para toda a comunidade da Educação Física. Algumas revistas seguiram e falaram que nas revistas deles não iriam publicar. Foi a ação do plágio mais contundente que encontramos e nós tivemos uma ação perante isso.

C.M – Algum outro problema? Um autor que viu o artigo publicado e disse que ele também era autor do artigo?

A.F – Não, não tivemos nenhum problema, só identificamos esses dois mesmo.

C.M – Bom, de onde vinham a maioria dos artigos? Vocês percebiam alguma predominância região sul, sudeste ou norte? Ou tinha algum local, instituição que mandava mais artigos para a Pensar a Prática?

A.F – Muito do sudeste e do sul.

C.M – E de autores estrangeiros?

A.F – Por encomenda só e alguns da Argentina, que não era por encomenda mas era por relações que a FEF-UFG¹² mantinha com O instituto de Professora de Córdoba na Argentina¹³, com intercâmbio e eles tinham a revista como importante e acabavam mandando artigos.

C.M – Há alguma restrição de membros do comitê, do conselho editorial ou de pareceristas para publicar na revista?

A.F – Não, não tem nenhuma restrição. Você fala assim de ser editor, de ser do conselho editorial? Não, mas a gente tem muito cuidado, sempre está atento, inclusive para os

¹² Faculdade de Educação Física

¹³ Argentina.

editores, para os professores da casa, para os membros do conselho editorial. Sempre a editoria fica muito atenta, dificilmente ela publica mais de um artigo desses membros, ela fica muito atenta para não caracterizar a endogenia.

C.M – Tem mais algum tópico ou tema sobre a revista, sobre gestão ou algo sobre revista que você queira falar?

A.F – Acho que o principal foi falado. Acho que a partir do momento que Pensar a Prática se transformou online ela teve acesso no mundo todo. Nós publicávamos quinhentos exemplares de cada revista que eram lidos principalmente por profissionais e pesquisadores Goianos e no máximo do Brasil e hoje nós temos muito acesso do mundo todo. Não tem os números hoje, mas é muito, até tem estatística lá no site no período atual. O sistema de gestão SEER melhorou muito, porque facilitou a vida editorial. O problema é dos pareceristas, a entrega dos pareceres em dia o que acaba atrapalhando, atrasando. E o preço da revista que é caro e alguém tem que pagar a conta e a gente não sabe quem vai pagar conta e a revista não pode parar. Hoje nós estamos com um problema de greve e a revista não para, muita coisa está presa e a revista tem que ter recurso e autonomia financeira e editorial para tomar decisões de não parar o serviço por causa da greve. Porque se ela perder a periodicidade ela começa perder também pontos e a própria avaliação dela. Ela tem que ter autonomia tanto financeira quanto editorial, que é uma característica da nossa revista. Na nossa revista o editor não é indicado pela direção, o conselho editorial é o próprio conselho que decide, a própria comissão. Na verdade é a comissão editorial que é formada em torno de cinco a seis pessoas que tomam essas decisões, que tem autonomia, tanto financeira como editorial, com poucos recursos mas ela aplica os recursos da forma que ela achar melhor e também toma as decisões editoriais que ela achar melhor .

C.M – Então é isso, muito obrigada!

[FINAL DO DEPOIMENTO]